

ENTRE FERIDAS E POTÊNCIAS: A REEXISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS NA UNIVERSIDADE A PARTIR DE UM ESPAÇO DE ACOLHIMENTO – UMA LEITURA A PARTIR DO PROJETO ILÉ ÌYÁ

Lanielle Borges de Menezes Manete
Thaís de Fátima Crescencio

INTRODUÇÃO: A universidade, enquanto instituição historicamente constituída sob bases coloniais, patriarcais e eurocentradas, configura-se como um espaço que produz e reproduz desigualdades raciais e de gênero, incidindo diretamente na subjetividade de mulheres negras. Nesse contexto, suas trajetórias acadêmicas são atravessadas por experiências de exclusão, silenciamento e sofrimento psíquico, evidenciando a permanência da colonialidade do ser e do saber. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os processos de reexistência de mulheres negras no contexto universitário a partir da experiência do projeto de extensão “Ilé Ìyá”, compreendido como um dispositivo coletivo de acolhimento, escuta e elaboração. Inspirado na cosmologia iorubá e nas narrativas das Yabás, o projeto propõe a construção de um espaço de cuidado que articula ancestralidade, subjetividade e produção de sentido, deslocando a noção de resistência como único horizonte possível para a afirmação da reexistência enquanto prática ética, política e coletiva.

METODOLOGIA: Este trabalho configura-se como um relato de experiência, compreendido como uma narrativa científica própria das ciências humanas, que reconhece a experiência vivida como fonte legítima de produção de conhecimento. Em contraposição à hegemonia positivista, valoriza a singularidade, a implicação do sujeito pesquisador e a construção de sentidos a partir da linguagem, da memória e dos atravessamentos históricos e sociais. A experiência analisada refere-se ao desenvolvimento do projeto de extensão Ilé Ìyá, realizado com mulheres negras vinculadas à universidade, em formato de grupo fechado, com encontros temáticos inspirados nas orixás femininas da cosmologia iorubá. Os encontros foram estruturados com acolhimento, narrativas ancestrais, partilha de experiências e atividades reflexivas e expressivas. A escrita é produzida a partir da implicação das autoras como participantes do processo, articulando vivência, observação e fundamentação teórica, assumindo o caráter pluridimensional da experiência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: A experiência do projeto Ilé Ìyá evidencia a potência dos espaços coletivos de acolhimento na promoção de processos de reexistência entre mulheres negras na universidade. Os encontros possibilitaram a construção de vínculos, o compartilhamento de experiências de sofrimento psíquico atravessadas pelo racismo e a elaboração simbólica dessas vivências a partir de referências ancestrais. As narrativas das Yabás operaram como dispositivo de identificação e ressignificação, permitindo reconhecer trajetórias para além da dor, afirmando-se como sujeitos de potência. A ancestralidade emerge como dimensão ativa na reconstrução subjetiva. O aquilombamento configurou-se como estratégia central, promovendo pertencimento, redes de apoio e impacto positivo na saúde mental. Ao mesmo tempo, evidenciam-se

limites institucionais e a necessidade de ampliar práticas de cuidado coletivo e valorização de epistemologias negras.

Palavras-chave: Reexistência; Mulheres negras; Subjetividade; Ancestralidade; Universidade.

REFERÊNCIAS: DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223–237, 2019.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. *Psicologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

AGRADECIMENTOS: À Prof.^a Dra. Milene Santiago Nascimento, por acolher esta ideia quando ainda era semente e por sustentar, com escuta e generosidade, o seu florescimento. Sua orientação não apenas viabilizou este trabalho, mas abriu caminhos para que ele pudesse existir para além dos contornos impostos pelo racismo institucional, permitindo que os saberes ancestrais também fossem reconhecidos como lugares legítimos de produção de conhecimento. Ao coletivo Psicoblack do curso de Psicologia da Universidade Federal do Paraná, por ser chão, travessia e abrigo, espaço onde o reexistir não se faz sozinho, mas em rede e em fortalecimento coletivo. Às nossas mães, por serem raiz, sustento e horizonte. Às mulheres negras que caminharam conosco no Ilé Ìyá, que confiaram suas histórias, dores e potências, e que, em coletivo, transformaram a experiência em cuidado, elaboração e reexistência. E às Yabás, que nos ensinam, em silêncio e em movimento, que entre feridas e lágrimas também nasce força; que existir é também criar, lembrar e transformar. Pois, como nos ensina a filosofia africana Ubuntu, sou porque nós somos, e é no coletivo que a vida se sustenta, se reinventa e floresce.